

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RESGATE HISTÓRICO E DO MEIO AMBIENTE DO PARQUE LAGO
AZUL/PR PELA PERCEPÇÃO DOS SEUS FREQUENTADORES

Trabalho de conclusão do Curso de
Especialização em Análise Ambiental,
Programa de Pós Graduação em Geografia da
Universidade da Federal do Paraná.

Orientador: Prof^o. Dr.^o Nilson Cesar Fraga

CURITIBA
2011

EDSON MOISÉS ALVES DOS SANTOS

RESGATE HISTÓRICO E MEIO AMBIENTE DO PARQUE LAGO AZUL/PR
PELA PERCEPÇÃO DOS FREQUENTADORES

Trabalho de conclusão do Curso de
Especialização em Análise Ambiental,
Programa de Pós Graduação em Geografia da
Universidade da Federal do Paraná.

Orientador: Prof^o. Dr.^o Nilson Cesar Fraga

CURITIBA
2011

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. PERCEPÇÃO AMBIENTAL	6
1.1 GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE	9
2. CURITIBA: DA HISTÓRIA (FORMAÇÃO) ATÉ AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE PLANEJAMENTO (PARQUES E BOSQUES).....	11
2.2 Parque Lago Azul (Breve Histórico).....	18
2.3 O que mudou com a Municipalização do Parque Lago Azul	23
2.4 Breve Perfil dos Frequentadores do Parque.....	26
3. Considerações Finais	30
4. REFERÊNCIAS	31
5. ANEXOS.....	32

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Conceitos Básicos para o estudo em Percepção Ambiental.....	8
Figura 2- Cartograma de localização do Parque Lago Azul, Curitiba/PR.....	20

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Bairro de Origem dos Freqüentadores do Parque Lago Azul – Curitiba-PR	26
Gráfico 2 - Idade dos Freqüentadores do Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.	27
Gráfico 3 - Escolaridade dos Freqüentadores do Parque Lago Azul – Curitiba-Pr....	27
Gráfico 4 - Freqüência no Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.	28
Gráfico 5 - Conhecimento do histórico do Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.....	28
Gráfico 6 - Conhecimento de Outros Parques na Porção Sul da Cidade.	29

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Comemoração nas dependências do Parque Cruzeiro em 1946.....	17
Foto 2 - Parque Providência, década de 1910.	17
Foto 3 - Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.	18
Foto 4 - Vista do lago – Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.....	21
Foto 5 - Poluição no Parque Lago Azul.....	22
Foto 6 - Posto da Guarda Municipal no Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.	24
Foto 7 - Lanchonete (Bistrô) Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.	25

INTRODUÇÃO

Curitiba destaca-se no cenário nacional por apresentar uma grande quantidade de áreas verdes. Muitas vezes essa quantidade confunde-se com a qualidade da utilização destas áreas por seus habitantes. Alguns parques da cidade chamam a atenção pela relação emocional dos frequentadores com esses espaços, seja pelo processo histórico de formação ou pela localização.

A contemplação e a existência de laços afetivos com os lugares sempre estiveram atreladas a Geografia, que nos seus primórdios tinha na observação e percepção a base de seus estudos. A percepção ambiental estreita a relação homem-natureza e pode ajudar a buscar o equilíbrio dentro das modificações do espaço ocasionadas pelo homem. Mas é importante destacar que cada indivíduo tem a sua percepção da paisagem observada.

Através desta percepção da paisagem, que é individual, a Geografia buscou desvincular o conceito de meio ambiente único e somente ligado aos elementos naturais. E sim o resultado da interação de todos os vetores da sociedade, buscando o restabelecimento dos elementos naturais degradados pelo modo de produção que nela se encontra.

Partindo desse conceito mais amplo de meio ambiente pode-se analisar o surgimento dos primeiros parques em nosso país e estabelecendo um contraponto ao conceito utilizado atualmente pelas diferentes ciências ligadas às questões ambientais. Buscando entender os diferentes processos de criação dos parques no Brasil, passando pelas políticas públicas que viabilizaram tais construções até chegarmos à cidade de Curitiba, que tem na concepção de parques um estandarte político importante.

Nesse processo histórico de implementação de parques em Curitiba, destaca-se o parque Lago Azul, que teve sua origem em uma propriedade privada, virou símbolo de um dos bairros mais afastados de Curitiba e possui uma história única dentro do desenvolvimento urbano da cidade que será apresentada neste trabalho.

1. PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A percepção ambiental juntamente com a educação ambiental desponta como elementos importantes, na defesa do meio natural, buscando uma relação mais harmoniosa entre homem e natureza, levando assim a uma melhor qualidade de vida, já que cada indivíduo pode internalizar de forma efetiva o sentimento para com o meio ambiente e também o exercício de externar os mesmos sentimentos no campo prático.

Dentre as suas diversas formas de conceitualização, a percepção ambiental remete a idéia de uma visão protetora do meio ambiente, embora seja importante observar que o homem utiliza-se da natureza para satisfazer e sanar suas necessidades. Essas ações nem sempre estão de acordo com o conceito que a percepção ambiental pode suscitar.

A relação meio ambiente natural e humanidade por muito tempo foi marcada por sentimentos de forte apelo emocional. Em um primeiro momento esse sentimento referia-se ao temor, o medo do desconhecido que a natureza despertava entre os homens primitivos. Com a evolução desse homem o medo foi substituído pela vontade de desvendar e enfrentar o possível temor ainda existente. O enfrentamento dos medos levou o homem a dominar a natureza outrora aterrorizante.

Conhecida e dominada pelas sociedades contemporâneas, a natureza, representada pelo meio ambiente necessita que a mesma sociedade que a dominou, aprenda a buscar uma gestão sensível e consciente deste meio, pois caso contrário colocará em risco a qualidade de se viver no planeta Terra.

A realidade catastrófica relacionada ao fim da vida em no planeta parece ser consenso na atual sociedade. Embora esse consenso esbarre em diversas questões como posições econômicas, políticas e tecnológicas inerentes ao modelo de sociedade existente. Tais questões parecem ir além da compreensão indivíduo dos componentes dessa sociedade.

Para alguns pesquisadores o estudo da percepção ambiental, partindo de um indivíduo ou do coletivo, ligado a valores desenvolvidos pelos mesmos, pode apontar para uma possível gestão harmoniosa do ambiente.

Segundo AMORIM FILHO (1992) a percepção ambiental sempre esteve ligada a Geografia e também aos seus primeiros pensadores, pois a origem da

ciência geográfica baseava-se na observação e na percepção do ambiente por parte de seus praticantes. Essa prática retoma a discussão geográfica a partir do final dos anos 1970, quando há um resgate e uma nova valorização dessa forma de explicar os lugares e paisagens da Terra.

Vale lembrar que a Geografia nesta época é marcada por um ordenamento epistemológico dividido entre a qualificação, a racionalização e a sistematização dos neo-positivistas e uma oposição fundamentada no materialismo e economismo dos neo-marxistas. O extremismo das duas correntes levou a Geografia ao um excesso de abstração e teorização.

Pelo fato de criticar essas duas correntes e de preconizar a priorização não mais apenas de um conhecimento pretensamente objetivo e/ou teórico mas, sim, das percepções, representações, atividades e valores dos homens em geral, os estudos de percepção ambiental foram incluídos em um grande movimento que recebeu, na década de 70, o nome de "Geografia Humanística". Essa "Geografia Humanística" tem raízes antigas. Porém, algumas contribuições constituem marcos fundamentais no desenvolvimento e na consolidação dessa linha de pesquisa ambiental.(AMORIM FILHO,1992)

Sendo as paisagens diversificadas, a percepção do meio ambiente e a relação homem-natureza com essas paisagens são diferenciadas. A percepção é o resultado da interação do indivíduo com o meio (Figura 01). Essa interação se dá a partir dos órgãos dos sentidos. Assim, para o estudo de percepção em geografia utilizam-se todos os sentidos, porém para as pesquisas ligadas a paisagem a visão apresenta relevância dentro do processo perceptivo.

O interesse do indivíduo por determinado objeto atrelado ao seu conhecimento e cultura, é determinante para a construção de uma percepção única do objeto. Para DEL RIO (1996, p. 03), "a percepção é um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos, e principalmente, cognitivos", já TUAN (1980) afirma que por mais diversas que sejam as percepções do meio ambiente, duas pessoas não vêem a mesma realidade, nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação do ambiente. Como membros da mesma espécie estão limitados a ver coisas de certa maneira, com isso os resultados são julgamentos e expectativas individuais. Deve-se levar em conta que a percepção de cada indivíduo não tem como nortear apenas as sensações, mas também aquilo imposto pelas representações coletivas. Deste modo

A percepção é justamente uma interpretação com a finalidade de nos restituir a realidade objetiva, através da atribuição de significados aos

objetos percebidos. Portanto, quando nos preocupamos com a percepção espacial é necessário ter cuidado de não confundir o que se vê com o que se percebe. (HASSLER, 2006, p. 102)

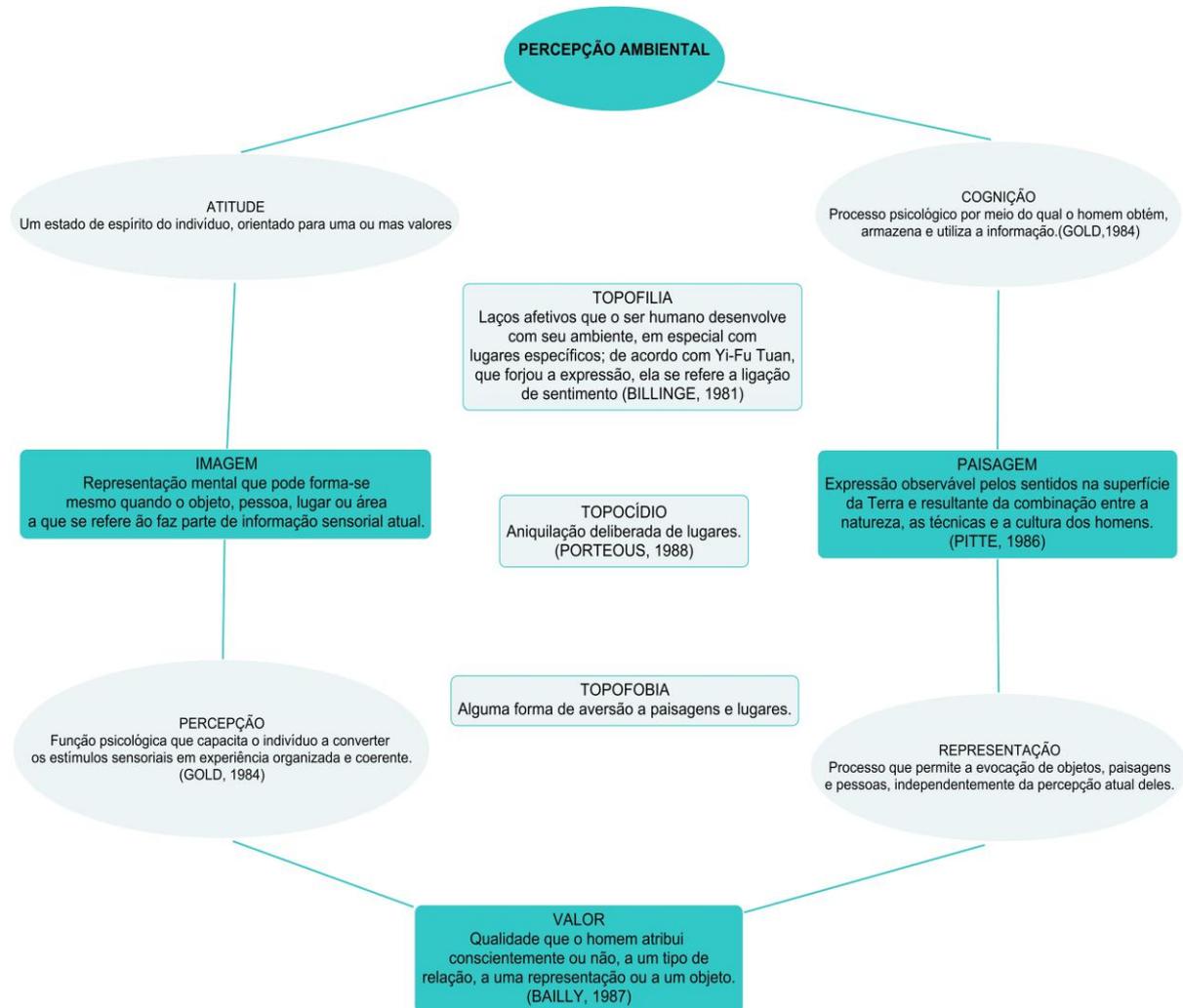


Figura 1– Conceitos Básicos para o estudo em Percepção Ambiental.

Fonte: AMORIM FILHO, O. B., 1992.

Organização: ALVES dos SANTOS, E.M., 2010.

Esse cuidado atribuído por HASSLER (2006) aponta a que a realidade apresenta diferentes significados que são concebidos “por meio dos processos perceptivos e a partir dos interesses e necessidades é que estruturamos e organizamos a interface entre a realidade e o mundo, selecionando-as, armazenando-as e conferindo-lhes significados. (KOZEL, 2001, citado por HASSLER, 2006, p.126).” Para TUAN¹ (1980, 1983), espaço e lugar são elementos do meio ambiente, profundamente relacionados, indicando experiências comuns. Os

seres humanos necessitam de ambos, porque suas vidas se processam num movimento dialético de segurança e aventura, liberdade e dependência. Espaço até então indiferente ganha estatuto de lugar, quando dotado de significado afetivo. Os lugares são atrativos e repelentes, em diferentes graus de valores do ponto de vista de cada indivíduo.

Assim como a percepção a paisagem é uma imagem formada a partir da leitura e experiência individual do sujeito, está ligada a uma a percepção humana e a um ponto de vista social em que o sujeito está inserido. Representando total ou parcialmente um ambiente, “pode-se afirmar que todo ambiente contém diferentes paisagens, mas nem todas as passagens representarão um ambiente completo (FERRARA 1996).”

Ao entendermos a percepção ambiental como estudo da linguagem que o homem utiliza para compreender, interferir e construir seu espaço, a paisagem e seus signos ganham importância na relação do indivíduo com o meio em que está inserido. No caso do espaço urbano, “esses signos dispersam-se na imagem urbana natural e construída nos hábitos que caracterizam certo modo de subsistência física e sensível (FERRARA 1996).”

1.1 GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE

A questão ambiental ganha destaque na sociedade contemporânea a partir dos anos 1970, quando o debate a cerca desse tema se internacionaliza e vários estudos e relatórios passam a ser difundidos. O conceito de meio ambiente liga-se as atividades humanas, mas mesmo assim não desvincula-se da concepção naturalista. “De modo geral, e observando-se tanto o senso comum como o debate intra e extra-academia, a impressão geral que se tem é que a abordagem do meio ambiente está diretamente relacionada à natureza.” (MENDONÇA, 2004, p. 124)

Meio ambiente para a geografia não é sinônimo de natureza, pois o termo estabelece as relações existentes entre natureza, homem e elementos socioculturais e econômicos de uma determinada sociedade. Existem dois momentos de conceituação ou concepção do meio ambiente no processo evolutivo do pensamento geográfico: o primeiro de origem naturalista, onde “o meio ambiente se entende a descrição do quadro natural do planeta compreendido pelo relevo, clima, vegetação, hidrografia, fauna e flora dissociadamente do homem ou de qualquer sociedade

humana; o segundo refere-se à realidade dos países subdesenvolvidos que necessitam de uma visão integrada de diversos aspectos sociais, econômicos e políticos que refletem diretamente na relação com a natureza.” (MENDONÇA, 2002, p. 22)

Neste segundo momento é que se observa o passo dado por alguns geógrafos ao romperem com a característica majoritariamente descritivo-analítica do ambiente natural, que é ainda muito presente, passando a abordá-la na perspectiva da interação sociedade-natureza e propondo de forma detalhada e consciente, intervenções no sentido da recuperação da degradação e da melhoria da qualidade de vida do homem. (MENDONÇA, 2004, p. 128).

2. CURITIBA: DA HISTÓRIA (FORMAÇÃO) ATÉ AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE PLANEJAMENTO (PARQUES E BOSQUES)

Grande parte da população urbana não percebe o meio ambiente “natural”, isso decorre do processo histórico de formação dos centros urbanos brasileiros, como afirma MARCHETTE (2008).

Até o século 18, no meio urbano colonial, regulamentado por uma legislação portuguesa que previa uma distinção com o rural, vastos espaços verdes quebrando a harmonia das construções caiadas e coladas parede a parede não eram facilmente aceitos.

Local das atividades comerciais e artesanais, da sociabilidade e do legislar, a cidade deveria ser o contraponto do mundo rural que era caracterizado por grandes áreas verdes e regulamentado por uma legislação portuguesa aplicada nas colônias, a antítese da natureza. Por essas razões, sobretudo, a entrada de áreas verdes no meio urbano e, particularmente, do lazer e a elas associadas, ocorreu primeiro nas cidades européias. (MARCHETTE, 2008, p.04)

No século XIX, com a evolução da industrialização e o crescimento populacional urbano, a percepção das áreas verdes ganha importância no sentido de uma inserção das mesmas nas áreas urbanas. Isso ocorreu em função da concentração populacional nas cidades e o surgimento de epidemias e a propagação de doenças. Esses fatos levaram as autoridades a buscarem alternativas para resolver os problemas que começaram a surgir nas cidades.

Diante desse cenário que começava a se formar, os jardins urbanos passaram a aparecer como instrumentos para possíveis soluções das questões sanitárias do espaço urbano. A vegetação que até então não era vista com bons olhos no meio urbano, começa a integrar a paisagem urbana. Com isso, muitas áreas de lazer são criadas e o hábito de passeios e piqueniques nos arredores da cidade passam a ser cultivados, relacionando a ideia de bem estar e saúde com a frequência em áreas verdes. MARCHETTE, (2008).

Parques foram criados e os largos, antes desprovidos de vegetação, receberam arborização e aprazíveis alamedas para passeios, colaborando, inclusive, para novas formas de sociabilidade. As pessoas não apenas saíam para caminhar e respirar ares mais puros, mas também para perceberem umas as outras, pois a contemplação do verde era imiscuída de outros olhares ao mesmo tempo em que era observada, podia-se ver o outro. (MARCHETTE, 2008, p. 05)

No Brasil os primeiros hortos surgem no final do século XVIII (Belém -1798) e tinham como objetivo as pesquisas. Outros estados como a Bahia, Minas Gerais e São Paulo também aderiram a essas tentativas, mas a falta de interesse do poder público e de pessoal capacitado não alcançou o sucesso em seus projetos.

As cidades brasileiras, desde a colonização seguiram o modelo europeu, em especial o português por razões óbvias. Estas cidades seguiam uma métrica que era estabelecida pela existência do “roció”, área que era destinada à expansão da cidade propriamente dita e as atividades agrícolas destinadas a abastecer a mesma.

A cidade de Curitiba, fundada no final do século XVII, com o nome de Vila Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, seguiu na sua concepção territorial urbana as mesmas premissas das outras cidades brasileiras para sua organização urbana. Cabia a Câmara Municipal, com suas posturas, fiscalizar essa organização. Quando às matas circundantes, permitia-se a corte de árvores, de forma moderada e a “uma légua do roció”, para evitar que com o tempo em diante, seja custoso aos moradores, conduzirem longe a lenha para o gasto citadino das casas. (CIDADE, HOMEM E NATUREZA, 1996)

Com tudo essa permissão moderada não era uma preocupação ambiental e sim uma questão prática, pois o desmatamento era permitido. A água também recebia cuidados e cabia aos vereadores a cobrança junto à população da limpeza do Ribeiro, para que este apresentasse boa correnteza. As fontes, responsáveis pelo abastecimento da cidade também passaria por observações em relação a sua higiene.

A severidade na fiscalização da organização urbana imposta pela metrópole portuguesa deixava clara a separação entre o ambiente urbano e o rural. As leis e imposições feitas pela Câmara expõem efetivamente a noção de utilidade prática e momentânea da natureza. Desta maneira

A delimitação do espaço urbano dava-se, pois, em contraposição ao meio natural. Segundo a concepção da metrópole, a aparente desordem do ambiente rural, das matas e florestas, encontraria o seu contraponto na forma expressa por ruas retilíneas e quadras adensadas. A cidade, obra humana, espaço da ordem, deveria ser estéril. (CIDADE, HOMEM, NATUREZA, P. 12)

Após a segunda metade do século seguinte o conceito de relação entre o urbano e a natureza ganha novo contorno, e a cidade deixa de ser apenas assentamentos populacionais e sim um ambiente diferenciado da sociedade que estava se concretizando. A partir do século XVIII as cidades apresentam um surto de

desenvolvimento que desencadeou um crescimento populacional significativo, levando a uma transformação do espaço físico, embora essa transformação não efetivou uma separação do modo de vida rural do urbano.

No século XIX, a separação do rural e urbano passa a ser evidenciada no imaginário que ligava o rural ao bem-estar e a saúde onde as pessoas o procuravam pra solucionar problemas adquiridos nas cidades. O espaço rural passa a ser um espaço do prazer. Essa visão não alcançava todos os indivíduos, ficando claro que os indivíduos pertencentes a classes sociais mais elevadas, e que estavam estritamente ligados as questões econômicas das cidades (comércio e fábricas), desenvolviam um gosto mais acentuado pelo rural (CIDADE, HOMEM E NATUREZA, 1996).

A ruptura da linha que separava o urbano do rural evidenciava a posição da natureza como algo mutável e está relacionada com o desenvolvimento das ciências biológicas e a evolução dos costumes. A concepção biológica de que o mundo visível pode ser dividido em dois grandes grupos, um formado pelos seres vivos (orgânicos) e outros por seres inanimados (inorgânicos) cabendo ao primeiro grupo a capacidade de mutação do meio natural. Essa capacidade e a evolução das pesquisas biológicas inspiraram possíveis ações para organizar o espaço urbano que já apresentava muitos problemas decorrentes do crescimento populacional.

Tais concepções passaram a inspirar um grande número de medidas que visavam organizar o meio urbano, sobretudo porque o acelerado crescimento das cidades trouxera consigo uma gama de problemas que, na visão dos políticos, moralistas e cientistas da época, colocavam em risco a sobrevivência da própria sociedade. Nesse momento, a descoberta das vacinas e do mecanismo de reprodução dos microrganismos foram os avanços que mais de perto influenciaram ações sanitárias promovidas pela medicina.

Passava-se a acreditar que os males que acometiam as populações não eram fatalidades inescapáveis, mas o resultado da ação de microrganismos que se beneficiavam, e proliferavam, na insalubridade resultante das condições urbanas.

Esse conjunto de ideais serviu de base, na segunda metade do século XIX, às iniciativas de médicos-sanitaristas e de engenheiros, que tomaram o meio urbano como seu objetivo de trabalho. A cidade, um “ser orgânico”, seria possuidora de um ciclo vital, e aqueles profissionais deveriam estar aptos a diagnosticar as “doenças e

propor as “terapêuticas” adequadas que garantissem o seu equilíbrio e sua longevidade. (CIDADE, HOMEM, NATUREZA, 1996, p.16)

O século XIX é marcado pelo desenrolar e intensificação do desenvolvimento do processo de industrialização, efetivamente nas cidades européias, que passou a ser os cenários desse desenvolvimento. O meio urbano a partir dessa evolução passa a ser o cenário que vai acumular os resultados da industrialização, poluição de rios, esgotos fabris e domésticos, fumaça, fuligem, o credenciando como um meio propício para a degradação ambiental. A paisagem das cidades nesse momento expressa efetivamente os custos ambientais do processo industrial. O adensamento populacional das cidades decorrentes desse processo passou a gerar uma quantidade sem precedentes de doenças e epidemias. Isso criou uma pressão em busca de um saneamento urbano juntamente com outras medidas, como a retirada dos indivíduos contaminados, que deveriam ser deslocados e isolados para áreas distantes da cidade. “O ar *corrompido* era considerado o principal vetor das moléstias, e para purificá-lo, recomendava-se a presença de vegetação no meio urbano – desde que estivesse sob controle, circunscrita a espaços determinados: parques, praças e jardins. (CIDADE, HOMEM, NATUREZA, p.16)

Enquanto na Europa buscava-se estabelecer uma relação mais estreita entre natureza e meio urbano, o Brasil assistia a chegada da família Real Portuguesa (1808) e a mudança do modelo urbano vigente no Rio de Janeiro de que passou a ser seguido por outras cidades. Criou-se em 1809, por ordem do Príncipe Regente, o Horto Real, que depois passaria a ser conhecido como Jardim Botânico.

Somente em 1853, Curitiba passou a ser capital da província do Paraná, exigindo assim uma reforma urbana, pois além da importância político-administrativa da cidade, esta também passou a ser cenário de desenvolvimento econômico guiado por uma classe formada pelos produtores de erva-mate. A agora capital da província estabeleceu novo ritmo a vida cotidiana de seus habitantes, que até então tinham como uma característica marcante a ausência de vegetação, e que passa a ver nessa vegetação a solução de problemas urbanos.

Como as cidades européias do início da Revolução industrial, Curitiba sofre um forte adensamento populacional que expõem seus problemas relacionados à infraestrutura, dentre eles a dificuldade com o abastecimento de água. Em 1878, o Dr. Antonio Carlos Pires e Albuquerque ao analisar a salubridade da capital

provincial, constatou a insuficiência de fontes de água potável. Segundo ele, havia apenas dois chafarizes para abastecer toda a população: o chafariz do Lago Zacarias, o mais procurado e o outro, situado “em uma praça (atual Praça 19 de Dezembro) que existe entre a Rua Riachuelo e a estrada da Graciosa”. As ruas sem calçamento e esburacadas faziam com que as águas estagnadas ameaçassem a saúde dos habitantes de Curitiba, assim como a grande quantidade de pântanos. (BAHLS, 1998, p. 94)

Na tentativa de solucionar os problemas decorrentes da estagnação das águas das fontes e das enchentes do rio Belém, em 1886, o presidente da província Alfredo D’Escragolle Taunay inaugura o Passeio Público, que surge com a função de controlar os males típicos das grandes cidades da época e também com funções estéticas.

O Passeio Público representou o impulso para a concepção de uma nova paisagem urbana que passava a ver na natureza uma alternativa de controle de doenças inerentes as metrópoles daquele momento. A arborização do Passeio Público era a sua principal fonte de beleza. Essa beleza exuberante garantia uma forte presença de freqüentadores no local, que foi palco de inúmeros encontros da população curitibana, que procurava por diversão.

Dentre o leque de diversão, algumas pagas, estavam as apresentações da banda do exército e concertos musicais. Esses encontros no Passeio Público expressavam a prosperidade econômica que vivia a cidade em função dos produtores de erva-mate, foi no Passeio Público que Curitiba viu a primeira lâmpada elétrica em funcionamento, um grande feito para época. No final do século XIX, a vegetação no espaço urbano curitibano estava consolidada.

2.1 Parques Particulares Curitibanos

No início do século XX os arredores de Curitiba eram pontos de encontro para reuniões familiares, de amigos e práticas esportivas, esse cenário consolidou-se com o surgimento de parques particulares nessas áreas. A confraternização com a natureza revela-se nos festivos finais de semanas ensolarados, em que se realizavam piqueniques e comemorações de datas como o Dia do Trabalho (Foto 01).

O Parque Cruzeiro, localizado no Batel era um dos exemplos mais representativos desse momento, como evidencia o escritor Nestor Victor: *“existe para o lado do Batel o espaçoso parque da Fábrica de Cerveja Cruzeiro, franqueado ao público. Ali se faz desporto ginástico e há campo para diversões infantis. Dentro em pouco, outra grande fábrica em construção abrirá novo logradouro semelhante. Lá vai o tempo, afinal, em que o recurso exclusivo da população curitibana aos domingos e nos dias feriados era afluir para o Passeio Público, aliás, um dos mais curiosos e lindos locais de recreio que há no Brasil.”*

A área onde se localizava o parque Cruzeiro assim como o restante do Batel era originária de chácaras que compunham esse bairro curitibano, ficando inalterada até os anos de 1950. No Batel localizava-se também o Parque Providência (Foto 02), que representava o mesmo cenário do Parque Cruzeiro, e também tinham uma cervejaria na sua origem, a Cervejaria Providência, propriedade do senhor Ernesto Bengtsson. Foi desativado nos anos 1950, com o fim da Cervejaria Providência.

Com o fim do Parque Providência, um novo local passou a ganhar destaque entre a população curitibana, era o Tanque Bacacheri, que mais tarde tornou-se um parque público de Curitiba. A década de 1950 foi o auge desse parque, que era parada obrigatória da população nos finais de semana, e faz parte do imaginário curitibano. Até os anos de 1970 era possível alugar barcos a remo para passeios e pesca. A família Falavinha, proprietária da área do Tanque Bacacheri, represou as águas do rio que recebia o mesmo nome do tanque e ali construiu um moinho de fubá, concepção semelhante ao Lago Azul, que ficava na região sul da cidade.

O crescimento da cidade e a grande freqüência no Tanque Bacacheri, por ser uma das raras opções de divertimento popular nos anos 1970, levaram a área a começar apresentar sinais de degradação. Em contrapartida no extremo sul da cidade outro local passou atrair cada vez mais freqüentadores, o Lago Azul.



Foto 1 - Comemoração nas dependências do Parque Cruzeiro em 1946.
Foto de Arthur Wischral. Acervo Casa da Memória.
Fonte: Marchette (2008)



Foto 2 Parque Providência, década de 1910.
Coleção: Júlio Schack Fay. Acervo Casa da Memória.
Fonte: Marchette (2008)

2.2 Parque Lago Azul (Breve Histórico)

O bairro Umbará, onde localiza-se o Parque Lago Azul (Foto 03) possui características próprias na sua origem e colonização. Localizado no extremo sul da cidade teve como grupos principais na sua colonização imigrantes italianos e poloneses, que buscavam espaço livre para lavoura e imprimiram na paisagem aspectos socioculturais e de ocupação que se mantém até hoje, diferenciando-o consideravelmente dos outros bairros de Curitiba.

A região do Umbará era utilizada pelos tropeiros como caminho entre os Campos Gerais e São José dos Pinhais, essa área era denominada “Caminho do Arraial Grande”, ligação com o litoral paranaense para o escoamento da produção ervateira que era característica geral da economia paranaense.



Foto 3 – Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.
Autor: ALVES dos SANTOS, E.M. (2010)

Na metade do século XIX o governo provincial do Paraná com a intenção de ocupar espaços vazios em seu território propondo uma política migratória que deu condições a entrada de estrangeiros com destaque para os alemães, poloneses e italianos. No Umbará estabeleceram-se poloneses e italianos que imprimiram no local seus costumes.

Quanto ao nome Umbará¹ antigos moradores o relacionam com a corruptela da Expressão “um barral”, que na pronuncia dos colonizadores italianos entendia-se “um bará”, por causa do solo ali existente. Como principais atividades econômicas existentes no início do bairro destacavam-se a extração de erva-mate, pequenas criações de suínos e aves, comércio onde prevalecia a troca de produtos entre os colonos. A partir da década de 1940 surgem as olarias transformando o bairro num importante centro oleiro do estado.

O lazer possuía características típicas da cultura italiana, destacando-se o jogo de cartas e bocha, caçadas, pescarias e festas de casamentos. Como não havia uma sociedade recreativa estas festas chegavam há durar três dias. O futebol também aparece como uma das práticas de lazer dessa comunidade, tendo como seu primeiro representante o time do Seletto, formado por integrantes da comunidade.

Em função da distância do bairro em relação ao centro de Curitiba aliado ao tradicionalismo dos imigrantes deu ao Umbará certa proteção a sua paisagem física e social (BRUNETTI, ZANON, 1984, p.23).

Na atualidade é comum encontrar espaços de recreação e lazer (pesque-pague, clubes de campo e locais para eventos) particulares no bairro, dentre estes encontra-se o Parque Lago Azul (Figura 02), municipalizado em 2007/2008. Era de propriedade da família Segala e teve sua origem no represamento do rio Ponta Grossa pelo proprietário (Ângelo Segala), que tinha como objetivo a construção de um moinho para beneficiamento de grãos. Com o passar do tempo o lago se transformou em um atrativo de lazer para a população da cidade.

Inicialmente a área onde está localizado o Parque Lago Azul² foi adquirida pela família Micheleto, imigrantes italianos do século XIX. Antônio Micheleto foi o desbravador da região, casou-se com Ângela Basso e morreu aos 50 anos devido a problemas cardíacos. Com a morte de Antônio coube a sua filha, Luiza parte das terras deixadas pelo pai. Sua parcela das terras era uma verdadeira pirambeira cortada pelo rio Ponta Grossa. Esse local foi modificado pelo seu Ângelo Segala,

¹ De acordo com MARCHETTE (2008) a denominação Umbará é encontrada em registros de terra de luso-brasileiros datados de 1854, anteriores a chegada dos primeiros imigrantes.

² Historicamente o Parque Lago Azul pertencia ao bairro Umbará, com a delimitação dos bairros de Curitiba em 1975, sua localização está na divisa dos bairros Umbará e Ganchinho (VER FIGURA 02). Mas seu nome continua vinculado ao bairro Umbará até hoje.

marido de Luiza, que muito esforço transformou o cenário das terras herdadas pela esposa.

O morro passou a ser retirado, dando origem ao represamento do Rio Ponta Grossa. O trabalho foi lento, e além da paciência, seu Ângelo também tinha que aturar as brincadeiras dos vizinhos e parentes em relação a sua odisséia de represar o rio e construir um lago. À medida que o lago ganhava contornos, Ângelo observou a necessidade de comprar parte da área vizinha, pouco mais de dois alqueires. “Troquei um pedaço de terá das boas para plantaço, por água, e foi o melhor negócio que fiz até hoje, na minha vida.” (MARCHETTE. P. 46)

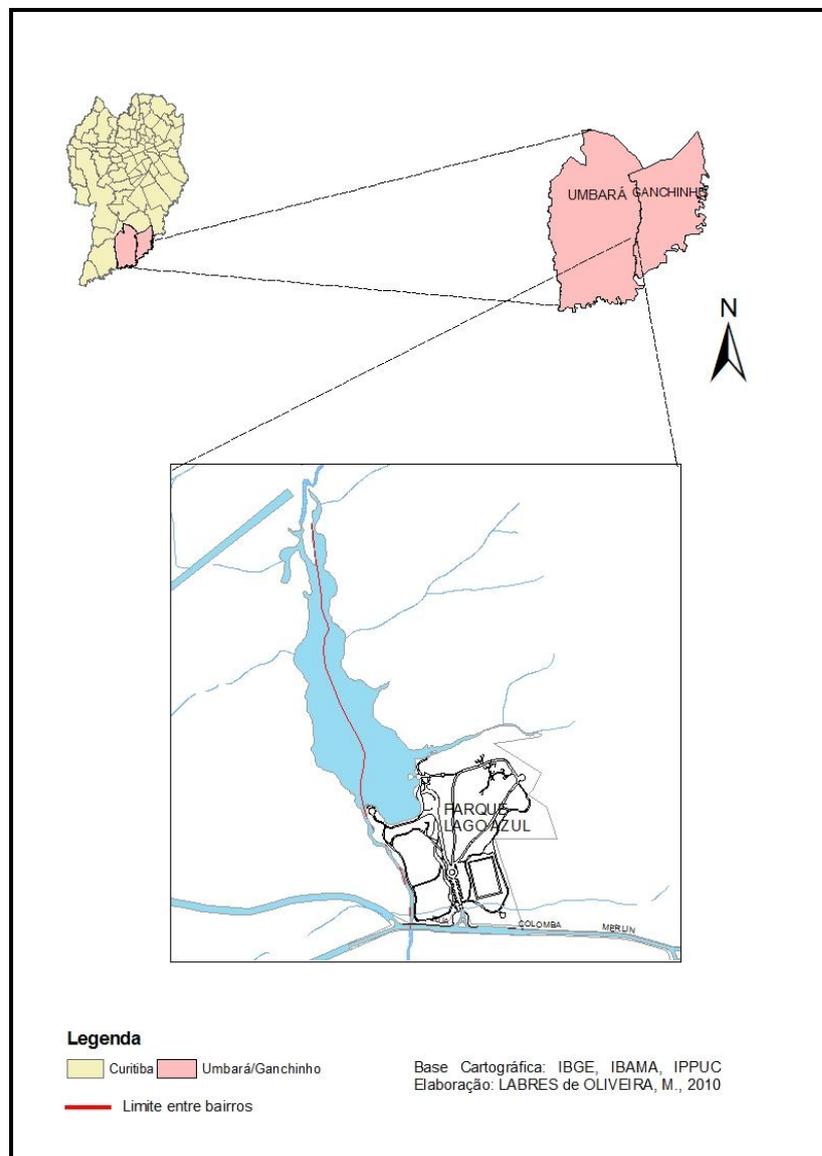


Figura 2- Cartograma de localização do Parque Lago Azul, Curitiba/PR.

A construção do lago que ocupou aproximadamente quatro alqueires foi o elemento de modificação mais significativo da paisagem da região (Foto 04). Esse fato começou a atrair visitantes que se encantavam com a beleza do lugar, porém é importante lembrar que isso não era o objetivo de seu Segala. Angelina filha do casal lembra que a beleza do local era dava lugar ao medo quando chovia muito, pois o volume de água era muito.



Foto 4 – Vista do lago – Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.
Autor: ALVES dos SANTOS, E.M. (2010).

Ângelo Segala não transformou o lugar para atrair visitantes meramente pela beleza da paisagem, o objetivo do represamento do rio Ponta Grossa era a construção de um moinho, raro na região. O moinho de seu Ângelo era um dos poucos existentes no bairro, e com o passar do tempo tornou-se um instrumento de subsistência da família e um gerador de energia. Os vizinhos levam milho e trocavam por fubá e muitas vezes recarregavam baterias. A produção de fubá pelo moinho dos Segala foi intensa até o início da década de 1960 quando a industrialização milho passou a ser feita em grande escala. As baterias também começaram a perder importância, pois a energia elétrica também já era artigo comum na localidade.

É nesse momento que a propriedade de seu Ângelo ganha uma nova função, passou a ser efetivamente uma nova opção de lazer, com um grande entra e sai de pessoas. Para os conhecidos e familiares dos Segala a paisagem composta pelo lago, roda da água, galpão e casa sempre foi muito agradável e a família nunca se recusou em abrir a propriedade.

A apesar de todos as dificuldades enfrentadas pela família, não imaginou-se utilizar a visitação da propriedade como forma de sustento. A idéia começou por acaso. Um desconhecido propôs a seu Ângelo a exploração do lugar, comprou canoas e abriu uma lanchonete, com ajuda de divulgação feita nas rádios locais atraiu mais visitantes ao parque, que foi batizado com o nome de Lago Azul. O Lago ganhou tanto destaque que nos anos 1960 chegou a ter uma linha de ônibus exclusiva, Rui Barbosa/Lago Azul.

Porém com o crescimento da cidade e o adensamento urbano no entorno do parque inúmeros problemas surgiram. A poluição das águas do rio Ponta Grossa foi que mais atingiu o parque, que agora já não propiciava a utilização do seu lago.

A partir de 1990, com a poluição do rio Ponta Grossa houve uma significativa diminuição de freqüentadores no Parque (Foto 03), agravando-se ainda mais com o falecimento de seu idealizador, surgindo então a necessidade da intervenção pública, pois seus herdeiros não tinham condições de manter o parque.



Foto 5 – Poluição no Parque Lago Azul.
Autor: ALVES dos SANTOS, E. M, (2010).

Em 12 de setembro de 2007, através do Decreto nº 961 do poder municipal declarou de utilidade pública para fins de desapropriação os imóveis onde localiza-se o Parque Lago Azul

A Lei nº 12487 de 06 de novembro de 2007, que autorizou o poder executivo a abrir um adicional especial no valor de R\$ 1.100.000,00 (Um milhão e cem mil reais), destinados à desapropriação de imóveis para a implantação do Parque Lago Azul. A área total a ser desapropriada era de 126.614,5 km². A com a Lei 12487 a intervenção pública na área que outrora pertencia à família Segala se institucionalizou. Porém somente em 17 de abril de 2008 o poder municipal através do Decreto nº 334, declara de utilidade pública obras de implantação de infraestrutura do Parque Lago Azul.

“Considerando a necessidade de assegurar a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental da área;
Considerando a necessidade de implantação de obras essenciais de infraestrutura pra saneamento ambiental da área;
Considerando a proteção e conservação dos recursos naturais existentes; a formação e manutenção de bens de uso comum, aliados à promoção de atividades científicas, educacionais, lazer contemplativo, recreativos e culturais...” (Decreto nº 334, de 17/04/2008, Prefeitura Municipal de Curitiba)

2.3 O que mudou com a Municipalização do Parque Lago Azul

O Parque Lago Azul, suscita nos moradores mais antigos dos bairros Ganchinho e Uberaba um sentimento de nostalgia de uma Curitiba que já não existe mais. Sempre que indagados sobre a história do parque relembram a saga dos Segalas e dos bons momentos e muitas histórias vivenciadas ali.

“Hoje para mim o parque é meu ganha pão, pois minha atividade financeira é a lanchonete. Agora... Eu acho que o parque passou a ser um marco do bairro, antigamente era a nossa igreja... Ela continua sendo, a igreja de São Pedro é um marco. Hoje o segundo marco do bairro é o parque Lago Azul. Ah, onde você mora? Moro lá no Umbará, ah, onde fica o parque lago azul. O parque trouxe um atividade extra, apesar do turismo ainda ser pouco...” (S. 39 anos).

Muitos acreditam que a municipalização e a intervenção do poder público, através da implantação de aparelhos urbanos e um posto da Guarda Municipal de Curitiba (Foto 04) a área do parque e a região próxima tende a prosperar. Essas observações são confirmadas pelas entrevistas realizadas com antigos moradores da região que estão transcritas na sequência.



Foto 6 – Posto da Guarda Municipal no Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.
Autor: ALVES dos SANTOS, E.M., (2010).

Quando questionados sobre a municipalização do parque, há uma concordância quanto às melhorias conquistadas após esse processo. Para uma moradora, vizinha do parque há mais de 50 anos e afilhada de Ângelo Segala, que nos finais de semana aluga o espaço de sua propriedade para estacionamento dos visitantes a municipalização teve o um impacto positivo. Pois

“Depois que a prefeitura comprou a área muita coisa melhorou... segurança com a guarda municipal, a prefeitura colocou iluminação e muitas pessoas passaram a frequentar a região...” (S.B., 50 anos).

Para o proprietário de estabelecimento instalado na antiga residência da família Segala (Foto 05), também morador do bairro, a municipalização trouxe benefícios,

“Melhorou a questão da divulgação do bairro, por que os visitantes vem conhecer o parque e passam a saber onde fica o bairro, pois antes ninguém conhecia o Umbará. A questão de estrutura, estradas, asfalto e acesso, antes isso era uma estrada de chão hoje é asfaltada por causa do parque se não estaria a poeira ali...” (S., 39 anos)

A concepção de meio ambiente para os entrevistados ainda está ligada apenas aos elementos naturais da paisagem não identificando o homem como integrante da dinâmica que compõem o meio ambiente. Essa visão fica evidente nos relatos: “Meio ambiente é basicamente onde a gente vive separando a natureza do homem” (S., 39 anos); “Acho que o parque e bem aproveitado pelas pessoas, serve para o lazer e quantidade de árvores mostra o cuidado com o meio ambiente” (S.B., 50 anos).



Foto 7- Lanchonete (Bistrô) Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.
Autor: ALVES dos SANTOS, E.M., (2010).

2.4 Breve Perfil dos Freqüentadores do Parque

Para elaborar um breve do perfil dos frequentadores do parque realizaram-se entrevistas diretas em dias diferentes da semana: terça-feira e domingo. Neste universo foram entrevistadas 22 pessoas e a partir dos resultados foi possível levantar os seguintes itens sobre os frequentadores: bairro de origem; idade; escolaridade; frequência; conhecimento da história do parque e de outros parques localizados na porção sul de Curitiba.

Quanto a origem dos frequentadores do parque (Gráfico 01), 55% do total são oriundos do bairro Sítio Cercado, vizinho ao parque, 9% de pessoas vem de outras cidades. E o percentual restante divide-se entre os bairros da porção sul do município: Boqueirão e Umbará (9%), Hauer e Uberaba (5%) e Tatuquara e Pinheirinho (4%).

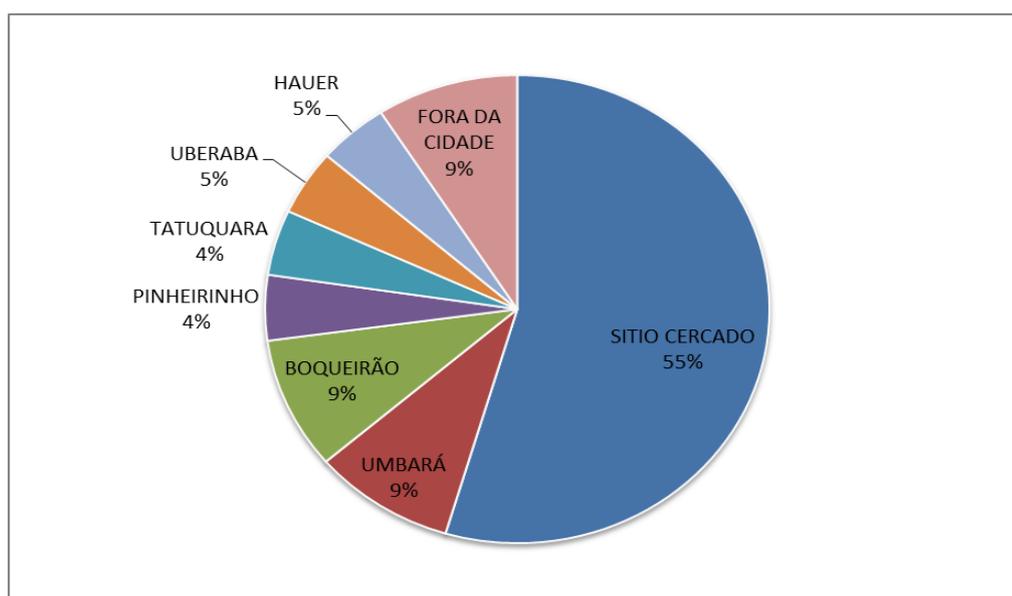


Gráfico 1 – Bairro de Origem dos Freqüentadores do Parque Lago Azul – Curitiba-PR.
 Fonte: Entrevista direta.
 Organização: LABRES DOS SANTOS, J.F. (2011)

Em relação à faixa etária dos frequentadores do parque (Gráfico 02) observou-se após a entrevista que 64% têm entre 13 e 43 anos, os demais entrevistados incluem-se nos 36% restante, na faixa etária entre 50 e 07 anos. No item escolaridade (Gráfico 03), há uma predominância de indivíduos com ensino médio cerca de 50% dos entrevistados em comparação ao ensino superior com apenas 14%.

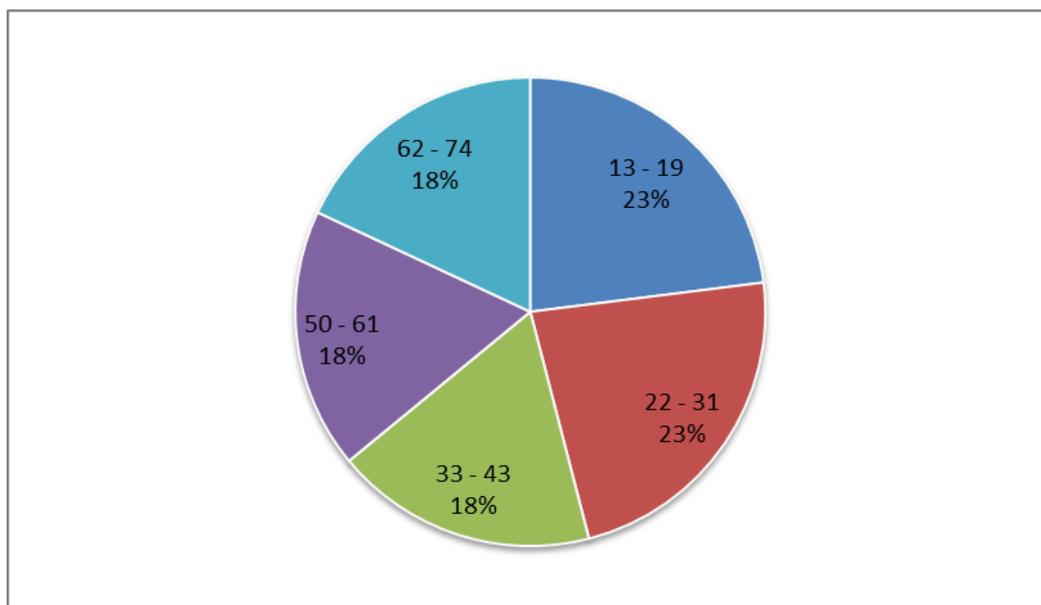


Gráfico 2 - Idade dos Frequentadores do Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.

Fonte: Entrevista direta

Organização: LABRES DOS SANTOS, J.F. (2011)

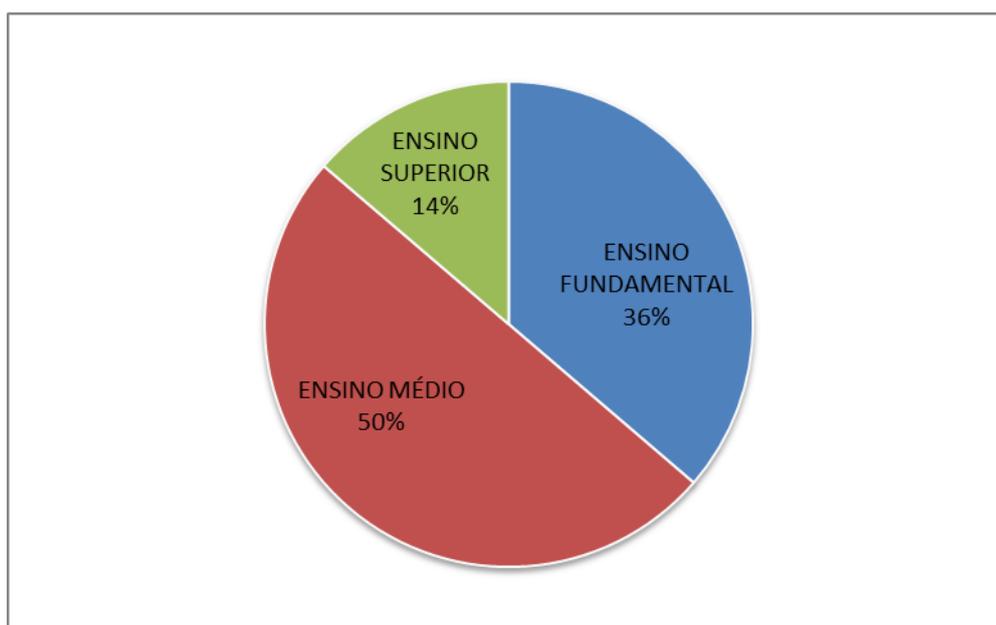


Gráfico 3 – Escolaridade dos Frequentadores do Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.

Fonte: Entrevista direta

Organização: LABRES DOS SANTOS, J.F. (2011)

Os dados referentes à frequência dos entrevistados no parque, apontam uma ligação entre o bairro de origem e número de vezes em que ele frequenta o parque. Pois apenas 9% dos entrevistados residem no bairro do Umbará, e o percentual dos que vão sempre ao parque é de 18%. O que justifica o baixo número de frequentadores assíduos no local (Gráfico 04).

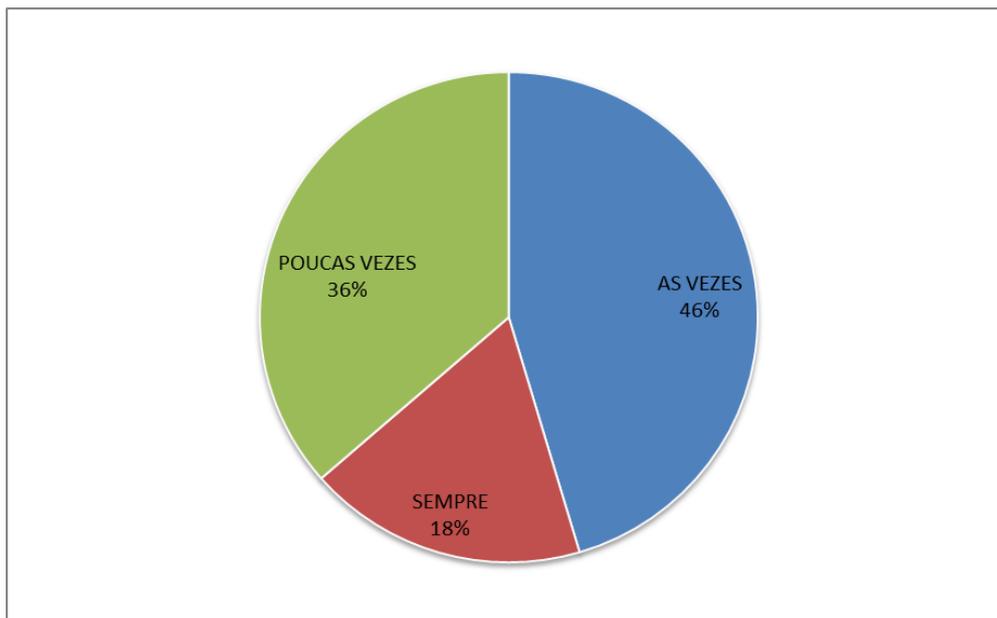


Gráfico 4 – Frequência no Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.

Fonte: Entrevista direta

Organização: LABRES DOS SANTOS, J.F. (2011)

O histórico do parque é desconhecido por 68% dos entrevistados (Gráfico 05), para estes tal situação justifica-se pela ausência de divulgação e informações sobre a origem do parque. O mesmo não acontece quando se pergunta sobre a existência de outros parques na porção sul da cidade, onde 77% (Gráfico 06) dos entrevistados afirmaram conhecer, como exemplo o zoológico municipal.

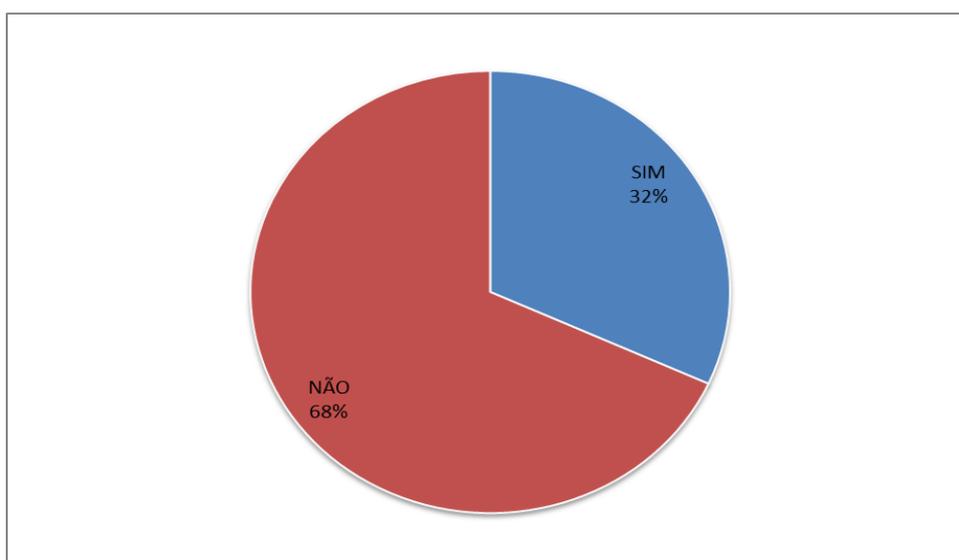


Gráfico 5 - Conhecimento do histórico do Parque Lago Azul – Curitiba-Pr.

Fonte: Entrevista direta

Organização: LABRES DOS SANTOS, J.F. (2011)

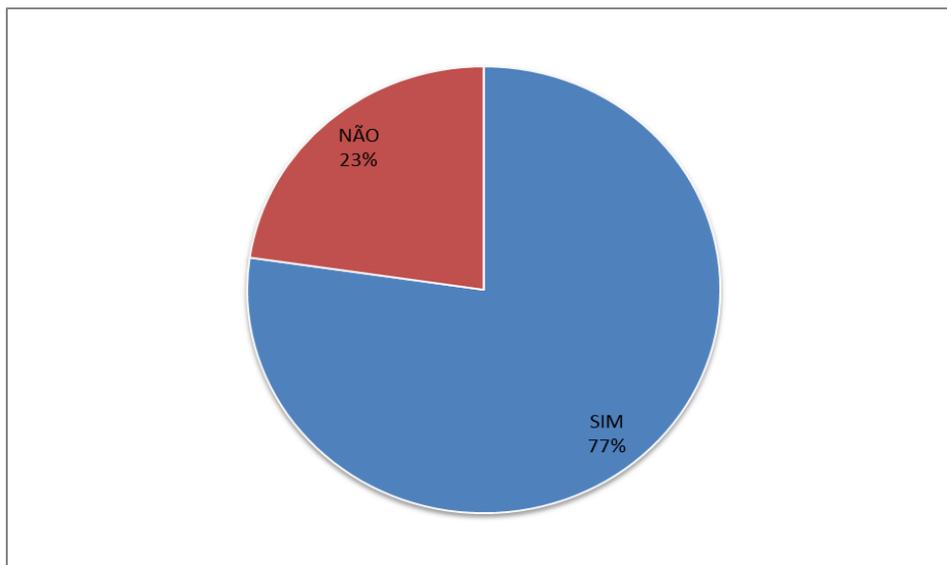


Gráfico 6 – Conhecimento de Outros Parques na Porção Sul da Cidade.

Fonte: Entrevista direta

Organização: LABRES DOS SANTOS, J.F. (2011)

Ao analisarmos o perfil dos frequentadores do parque podemos observar que em sua grande maioria possuem um fascínio com a beleza do mesmo, mas desconhecem o processo histórico de formação do Lago Azul. Também não percebem a degradação ambiental a qual o parque está exposto, em função do constante crescimento urbano ao seu redor e da poluição do Rio Ponta Grossa.

Outra observação a ser feita é que os usuários vêem funções diferentes para o parque de acordo com o dia da semana, para os que frequentam nos dias úteis o interesse é voltado para atividades físicas, já os que utilizam o parque nos finais de semana o objetivo é a prática do lazer com familiares e amigos. Entre estes há aqueles que dedicam sua visita ao parque para um lazer contemplativo.

Da saga de seu idealizador até a sua municipalização, a percepção do ambiente no parque Lago Azul, a relação de apego ao lugar pelos indivíduos que participaram da história e concepção deste é mais evidente do que para quem o utiliza como um local de lazer e atividades físicas.

3. Considerações Finais

A cidade de Curitiba é notoriamente conhecida pelas suas experiências de planejamento urbano, o que lhe valeu alguns rótulos ou slogans como: Cidade de 1º mundo e Cidade ecológica. Muitas vezes esses “rótulos” estabelecem uma relação entre o desenvolvimento urbano e a preocupação com as questões ambientais. Foi dentro desse conceito construído basicamente com objetivos políticos que os diversos parques e praças na cidade de Curitiba surgiram.

Alguns desses parques como o Jardim Botânico, Barigui, Bosque do Papa, Tanguá, São Lourenço, Passeio Público, encontram-se em destaque também nos possíveis roteiros turísticos da cidade, pois o poder público disponibiliza uma linha especial de ônibus para esse fim. Os parques citados localizam-se no eixo “central” da cidade de Curitiba, alguns foram criados e reestruturados dentro da concepção urbana da cidade. Dentro do conceito de valorização das áreas centrais da cidade, parques localizados na região sul do município, como o Zoológico Municipal, Parque Iguazu e Parque Lago Azul, detentor de uma história que poderia ser explorada no imaginário dos seus visitantes, ficam fora do circuito turístico, tanto no âmbito dos visitantes externos como nos moradores da própria cidade de Curitiba.

O Parque Lago Azul além de possuir uma história singular no seu processo de formação, apresenta um grande potencial para possíveis atividades ligadas a educação ambiental com diferentes atividades lúdicas que podem ser desenvolvidas no local e coordenadas pela Secretaria do Meio Ambiente de Curitiba, junto a escolas, estendendo-se também a grupos da melhor idade vinculados a Secretaria de Saúde e diferentes associações.

4. REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B., **Os Estudos da Percepção como a Última Fronteira da Gestão Ambiental**, disponível em <http://ivairr.sites.uol.com.br/percepcaoambi.html>, acesso em 14/11/2010.

ANDRADE, R. V., **O processo de produção dos parques e bosques públicos de Curitiba**, 2001

ARAUJO, C. N., **Parques Urbanos de Curitiba (1980-2000)**, Editora e Livraria Solar do Rosário, 2007.

BAHLS, A. V. da S., **O Verde na Metrópole: A evolução das praças e jardins em Curitiba (1885-1916)**

BRUNETTI, M. C., ZANON, M. A., **Umbará: gentes, vida e memória**, Boletim Informativo da Casa Romário Martins, nº 72, Curitiba, Ano 11, Outubro 1984.

Cidade, homem, natureza. Universidade do Meio Ambiente/Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Curitiba.

FERRARA, L. D'A., **As Cidades Ilegíveis – Percepção Ambiental e Cidadania** in Percepção ambiental, A Experiência Brasileira. RIO, V. Del, Editora UFSCar 1996.

GONÇALVES, A. A., LIMA, M. E., MARQUES, M. R., **A percepção e educação ambiental com alunos do ensino fundamental**, 2009.

HASSLER, M. L., **A NATUREZA NA CIDADE: Uma abordagem a partir da percepção da população acerca do Jardim Botânico de Curitiba-PR**, Departamento de Geografia UFPR, 2006.

MARCHETTE, T. D., **Lago Azul – O parque na memória curitibana**, Boletim Casa Romário Martins, Fundação Cultural de Curitiba, 2008

MENDONÇA, F. A., **Geografia e Meio Ambiente**, Editora Contexto, São Paulo, 1998.

_____, **Geografia Socioambiental**, p.121 a 144, in KOZEL, S. e MENDONÇA, F. (Orgs). Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea, Editora UFPR, Curitiba, 2004.

TUAN, Y.F., **Topofilia - Estudo da Percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. New Jersey: Ed. DIFEL, 1980.

5. ANEXOS

Questões objetivas (visitante)

01) Idade:

02) Escolaridade:

03) Bairro onde mora?

04) Com que frequência vem ao parque?

05) Que atividade desenvolve (prática) no parque?

06) Você conhece outros parques da região sul de Curitiba? Quais?

07) Você conhece a história do Parque Lago Azul? Como soube

Questões subjetivas (moradores da região)

01) O que é meio ambiente para você?

02) Você percebeu mudanças com a municipalização do parque? Quais?

03) Qual a importância do Parque Lago Azul para você?